

## Apresentação

*Lutas Sociais* acaba de ultrapassar a barreira dos 10 números, mantendo os princípios mais gerais do programa original: articulação da pesquisa científica com abordagem crítica, o que, para nós, beira a redundância, pois ciência e crítica são inseparáveis e implicam ir além das aparências que, embora constitutivas do real, ocultam algumas de suas determinações mais profundas e significativas. Caso o leitor se depare, nas páginas de *Lutas Sociais*, com um “excluído” ou “carente”, este será o primeiro degrau de uma “descida ao inferno”, em busca das determinações por meio das quais os explorados e dominados são despojados da riqueza que produzem e constituídos como objetos da filantropia dos mesmos que os oprimem e exploram. A busca da objetividade não implica neutralidade frente aos interesses contraditórios que tecem as relações sociais. Muito menos vitimizar ou folclorizar os dominados. Trata-se, ao contrário, de destacar as ações que realizam seu potencial de sujeitos históricos, negando a perenização do existente.

Em cada número de *Lutas Sociais*, sempre buscando manter a qualidade teórico-metodológica dos textos, se procurou mesclar a contribuição de autores consagrados com a produção realizada por jovens pesquisadores (muitas vezes, suas primeiras publicações).

Os pontos mais específicos do programa ainda se mantêm, o que, em aparente paradoxo, erigirá, no futuro próximo, um esforço de atualização. O próprio nome da revista implicava uma avaliação que muitos julgavam precipitada: cresceriam e se diversificariam lutas sociais contra a ofensiva neoliberal, apontando para propostas alternativas de sociedade. Hoje, frente à grande parte dos dominados, tal ideologia se sustenta menos pelas promessas de um mundo melhor e mais pela insistência na impossibilidade de “um outro mundo”. Neste sentido, o lema do Fórum Social Mundial, *movimento* no qual, desde o início, *Lutas Sociais* se inseriu de modo crítico e ativo, é um belo exemplo de argúcia e criatividade na frente ideológica.

Seria ufanismo afirmar que os “falsos antagonismos” que povoam o discurso dominante (Estado versus mercado, liberdade versus igualdade) estejam superados. Tampouco supomos que o “pensamento único” se foi. Ao contrário, seu núcleo duro produz forte impacto ao obscurecer a percepção do potencial de antagonismos constitutivo das relações sociais capitalistas.

Os principais temas dos primeiros dez números estão contemplados aqui, o que levou, sempre evitando o anedótico e a abstração vazia, à mescla de abordagens mais particulares com tentativas de generalização. Jorge Alano Garagorry examina, com humor e perspicácia teórica, o debate aparentemente técnico sobre a independência do Banco Central brasileiro. Célia Motta analisa o rosário de misérias a que se reduziram as promessas de “desenvolvimento”

no Brasil, no decorrer de diferentes formas de dominação, inclusive a liberal-democrática. Marcos Del Roio aborda as contradições imperialistas que se desenvolvem no interior da tentativa de constituição de um império do mundo. Marcelo Buzetto centra o foco em duas importantes guerras antiimperialistas contemporâneas, a do Vietnã e a do Iraque, procurando elementos concretos para a atualização de formulações clássicas do marxismo com vistas à abordagem desta questão que se anuncia como crucial para um século que, mais rapidamente que o recém-encerrado, se inaugura sob o signo da ofensiva militar imperialista em larga escala.

No chamado *mainstream* (a adoção do termo já expressa profundo conformismo frente à ordem acadêmica estabelecida aqui e, principalmente, alhures), reestruturação produtiva (capitalista) tem ares de ponta de estoque. Alheia aos altos e baixos do modismo acadêmico, Terezinha Ferrari, trabalhando com segurança e criatividade na intersecção de economia, política e ideologia, apresenta análise crítica de um tema cuja atualidade é do próprio capitalismo em suas diferentes fases.

O estudo da questão nacional e dos nacionalismos tem sido central na revista. Cássia Adduci e Celso Uemori apresentam dois eruditos artigos sobre os tormentos da apropriação da ideologia nacional por intelectuais brasileiros e Lúcio Flávio de Almeida procura demonstrar como, no início dos anos 60, esta apropriação pelas classes populares, imprimiu ao nacionalismo elementos de antiimperialismo, o que teve como resposta o “golpe de classe” que inaugurou a mais longa ditadura da história deste país. Também se voltando para a história política brasileira, Elsie Lenardão reflete sobre a longa tradição de clientelismo e seus impactos sobre as classes populares.

O dossiê, “De uma América à outra”, ao sintetizar estas abordagens, assume uma configuração caleidoscópica: estudos de casos mais particulares e esforços de generalização; norte e sul; passado, presente e tentativas de vislumbrar o que vem por aí; opressão imperialista e as múltiplas resistências que tem suscitado; levante de condenados da Terra que derrubam governo e lutas sociais no coração do mais novo candidato a império.

As quatro resenhas também contemplam alguns dos principais temas abordados pela revista desde sua criação. Waldir Rampinelli faz uma avaliação crítica equilibrada da trilogia de Elio Gaspari sobre a ditadura militar brasileira, inaugurada quarenta anos atrás; Tânia Marossi apresenta as linhas gerais do livro em que Ilse Gomes Silva, com clareza e profundidade, procura analisar diferentes facetas das relações entre participação popular e política de Estado durante a última transição de regime político no Brasil; Renata Gonçalves apresenta o trigésimo número de *Actuel Marx*, voltado para um debate indispensável às lutas pela transformação social: o das relações sociais de sexo.

A expressão “golpe de classe” foi extraída do título do livro de René Armand Dreifuss, que obviamente não é responsável pelo uso que dela fazemos aqui. A René, autor de uma das mais importantes pesquisas críticas sobre a gênese do golpe de 1964 e da subsequente ditadura que se implantou neste país, é dedicado este número de *Lutas Sociais*.

O novo formato da capa expressa a tentativa de atualização da revista. Dizemos um “até logo” às belíssimas fotos de Lewis Hine, que estiveram em todos os números, e tentamos vãos novos, sem impedir que, ao primeiro olhar, o leitor perceba que está diante de *Lutas Sociais*.

L.F.R.A.